

1. Após análise do Exame do 9º ano hoje efectuado, a SPM não encontrou erros científicos nem formulações duvidosas, o que é, certamente, muito positivo. A prova tem questões claras, adequadamente formuladas e de resposta unívoca. Algumas questões são interessantes e estão bastante bem concebidas. Salienta-se um progresso notório em relação a práticas anteriores do ministério, que consistiam na elaboração de questões demasiado palavrosas, de interpretação intrincada e, por vezes, ambígua ou com informação supérflua e enganadora. Todos estes progressos são positivos e vão no sentido de críticas que a nossa Sociedade tem repetidamente feito às provas nacionais.

2. É nossa opinião, contudo, que o nível geral da prova é demasiadamente elementar. Aos alunos no ano terminal do Ensino Básico, ou seja, no final da escolaridade obrigatória, deveria exigir-se outro tipo de dificuldade. Quando na questão 2 se pergunta, por exemplo, qual o "mínimo múltiplo comum entre 12 e 24?", está-se a atingir um grau de dificuldade tão baixo que apenas se está a avaliar se o aluno compreende ou não o conceito de "mínimo múltiplo comum" (mmc) e sabe depois exprimi-lo como produto de potências de números primos. Não se está a avaliar se o aluno domina a técnica de factorização de números e consegue ou não determinar o mmc de dois números em que um não seja múltiplo do outro. Seria, por exemplo, de um grau de dificuldade superior fazer a pergunta com os números 8 e 6, o que continuaria a ser demasiado elementar.

Esta crítica estende-se a todas as perguntas. Em todos os casos os conceitos avaliados são simples e testados com exemplos demasiado elementares. Veja-se a pergunta 1, por exemplo, que se resolve contando pelos dedos, a 3, que pode ser facilmente resolvida por alunos do 1º ciclo, a 6, que envolve percentagens tão simples que qualquer aluno do 2º ciclo deveria ser capaz de resolver, a 7.3, que envolve a aplicação extremamente

elementar de uma equação linear, ou a 8 em que basta utilizar a calculadora gráfica ou substituir valores para encontrar a solução.

3. Os conhecimentos testados não estão também ao nível do que se deveria esperar de um aluno no final do Ensino Básico. Não são avaliados os seguintes importantes tópicos que devem ser dominados no 9º ano: sistemas de equações, proporcionalidade inversa, propriedades da circunferência e de ângulos numa circunferência, polígonos e áreas de polígonos, inequações, intervalos de \mathbf{R} com números não inteiros na fronteira.

Das matérias específicas do 9º ano, aparecem apenas testados os conceitos de equação do 2.º grau (questão 9), trigonometria (questão 10) e probabilidades (questões 1 e 4.2). O grau de dificuldade em cada caso é muito elementar, de tal forma que pode ser resolvido sem recurso a técnicas desenvolvidas neste ano. No total, estas questões constituem apenas 22 pontos em 100, o que quer dizer que 78% do exame corresponde a um nível de escolaridade inferior ao nono ano. É uma percentagem demasiado exagerada.

4. Não há, em geral, nenhum problema em introduzir num teste problemas de matérias de anos anteriores. Mas isso não deve ser feito sistematicamente e, quando feito, deve procurar-se fazer recorrendo a conceitos, técnicas e algoritmos correspondentes ao nível mais avançado. Também não há problema, em geral, em ter numa prova algumas questões muito elementares, mas é pedagogicamente muito nocivo que todas ou quase todas o sejam.

5. No seu conjunto, o nível desta prova é certamente um dos mais elementares – se não o mais elementar – produzidos nos últimos anos nas provas nacionais de matemática. Se é verdade que muito alunos e alguns pais podem ficar satisfeitos com o facto, e se é verdade que seja positivo que os jovens vejam as questões matemáticas como alcançáveis e desartificiosas, os custos futuros podem ser muito graves.

Esta nivelção por baixo não recompensa o esforço dos alunos que mais se empenharam durante o ano lectivo, transmitindo a todos a ideia de que não é necessário estudar as partes mais avançadas de cada grau de escolaridade. Parece não valer a pena estudar mais do que as partes triviais das matérias, ou fazer qualquer esforço sério.

Os professores que procuraram levar os seus alunos a compreender bem todos os conceitos e técnicas da matéria do 3º ciclo, e que os avaliaram com rigor e honestidade, só podem sentir-se desiludidos e pouco apoiados com esta prova.

Alguns jovens vão terminar aqui os seus estudos. Outros vão prosseguir-los no Ensino Secundário. Nem uns nem outros podem concluir estar bem preparados para os anos que os esperam pelo facto de conseguirem resolver satisfatoriamente este enunciado.

20 de Junho de 2008,

O Gabinete do Ensino Básico e Secundário
da Sociedade Portuguesa de Matemática